

PRÁTICAS EXITOSAS E INOVADORAS EM PESQUISA

TRABALHOS PREMIADOS NA XVII
SEMANA CIENTÍFICA UNIFSA

SEC 2018



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO AGOSTINHO



CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTO AGOSTINHO – UNIFSA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
NÚCLEO DE APOIO PEDAGÓGICO – NUAPE

Centro Universitário Santo Agostinho - UNIFSA
Publicado por UNIFSA em associação com Lestu Publishing Company
Design Gráfico, Editoração e Organização: Ana Kelma Cunha Gallas
Preparação de originais: Edson Rodrigues Cavalcante
TI publicações OMP Books: Eliezyo Silva
Lestu Publishing Company: editora@lestu.org



Este título possui uma licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives* 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0).

A íntegra dessa licença pode ser acessada:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode.pt>

© 2018 UNIFSA/LESTU

Todos os capítulos deste livro foram submetidos, aprovados e apresentados na XVI Semana Científica - 2018, sendo selecionados como os melhores trabalhos apresentados em Grupos Temáticos do evento.

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

U58 GALLAS, Ana Kelma Cunha.

Práticas exitosas e inovadoras em pesquisa: trabalhos premiados na XVI Semana Científica do UNIFSA – SEC 2018 | Centro Universitário Santo Agostinho / Ana Kelma Cunha Gallas (Org.). Teresina: UNIFSA, 2018/ São Paulo: Lestu, 2018.

312 p. *online*.

ISBN: 978-65-996314-0-5

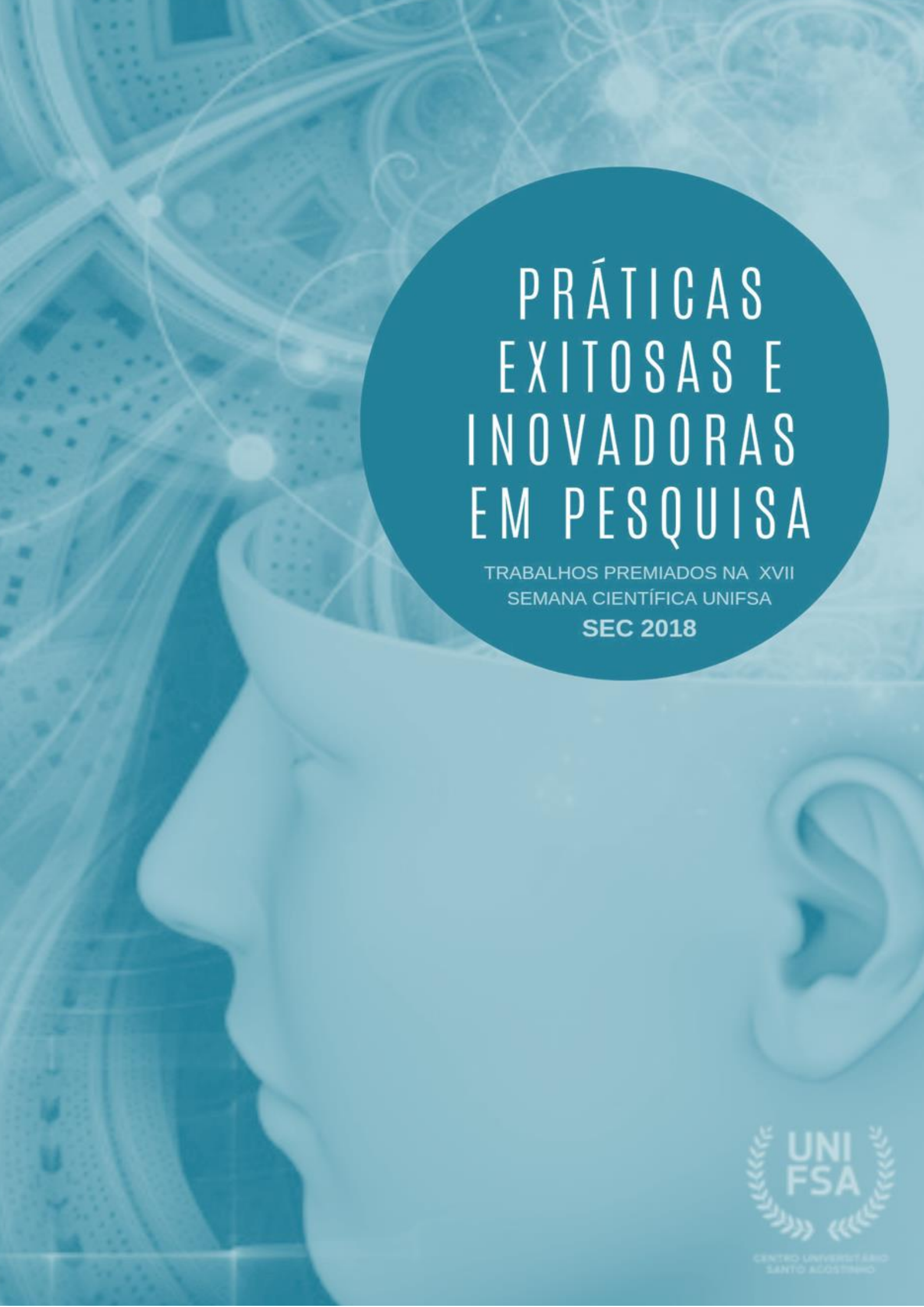
DOI: 10.51205/lestu.978-65-996314-0-5

Disponível em: <https://lestu.org/books/>

1. Semana Científica. 2. Pesquisa. 3. Inovação. 4. Sustentabilidade. 5. Ciência.

I. GALLAS, A. K. C. (Org.). II. Título. III. UNIFSA. IV. SEC 2018

CDD: 904.



PRÁTICAS EXITOSAS E INOVADORAS EM PESQUISA

TRABALHOS PREMIADOS NA XVII
SEMANA CIENTÍFICA UNIFSA
SEC 2018



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO AGOSTINHO

9

O CORPO NEGADO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RETRATO DA ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA JUNTO A ALUNOS HOMOAFETIVOS¹

Mesaque Silva Correia²



RESUMO

Este estudo teve como objetivo verificar como se processa a atuação do professor de Educação Física junto a alunos homoafetivos. Para alcançar os objetivos propostos, nos apropriamos dos pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa qualitativa do tipo descritiva. Como técnica de coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada que foi realizada com 10 (dez) professores de Ed. Física que desenvolvem suas atividades docentes em escolas públicas estaduais da cidade de Macapá – AP. Os dados coletados foram submetidos à análise clássica de conteúdos proposta por Bardin (2011), com a finalidade de sintetização de categorias de análises. Este trabalho revela-nos que, no que tange as aulas de Educação Física, a existência de comportamentos e atitudes preconceituosas e discriminatórias contra os alunos homoafetivos. Encontramos nas escolas, educadores que se dizem (e se sentem) compromissados com o seu fazer profissional, mas mostram-se cegos para as suas ações, principalmente quando questionados sobre as ações didáticas pedagógicas estabelecidas na quadra de aula junto aos alunos homoafetivos. Portanto, conclui-se a não existência de tratos pedagógicos nas aulas de Ed. Física para as atividades corporais referentes à questão da homoafetividade, mesmo todos os professores verbalizarem ser cientes da presença do homoafetivo em suas aulas.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Corpo, Sexualidade.

INTRODUÇÃO

A tempos que estudiosos das Ciências Sociais e demais áreas de conhecimento denunciam o caráter arbitrário da dominação masculina em relação às orientações sexuais diversas, sobretudo quando se leva em conta que as orientações sexuais diversas

¹ Trabalho apresentado na XVI Semana Científica do Centro Universitário Santo Agostinho – SEC 2018, evento realizado em Teresina, de 29 de setembro a 5 de outubro de 2018.

² Graduado, Mestre e Doutor em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeus – USJT. Docente da Universidade Federal do Piauí. Email: MesaqueSilvaCorreia@ufpi.edu.br.

historicamente tem sido alvo de negligência e marginalização, deixando de desconsiderar os valores e os méritos das diferentes formas de expressões afetivas e eróticas do ser humano, por apresentarem como uma ameaça, aos padrões heterossexuais de ser e viver.

Ao estudar a literatura gay no Brasil, tenho observado que as relações homossexuais acontecem na maioria das sociedades na margem da marginalidade ou no invisível da privacidade do segredo. Muito embora, as discussões referentes à sexualidade em território brasileiro sejam antigas, complexas e, extremamente polêmicas. Porém, ainda que os resultados dessas discussões sejam quase que invisíveis no plano social, são necessárias para a oferta de uma educação igualitária e compromissada com a formação de um sujeito que seja capaz de compreender e aceitar as diferenças sexuais.

No plano educacional, esta dicotomia também se faz presente, nos documentos legais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, em seu artigo 2^a ressalva que entre as finalidades da educação escolar está o “preparo para o exercício da cidadania” (LDB, 1996. Art.2). A referida lei também expõe que uns dos princípios do ensino é o pluralismo de ideias (LDB, 1996, art. 3) que garante ao professor o direito a discutir e defender determinados pontos de vista que não firam os princípios norteadores expostos nos Planos Nacionais de Educação. Ainda no ano de 1996, foi criado pelo Ministério da Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – documento norteador de como as escolas devem sistematizar seu ensino e de como avaliar os alunos. Juntamente, foram criados os temas transversais dentre eles, o de Orientação Sexual, o que significa que essa temática deveria estar presente nas diversas áreas de estudo, e que essas áreas deveriam buscar metodologias, estratégias pedagógicas e conteúdos que auxiliassem na compreensão adequada de todos os aspectos que são pertinentes a este tema – tabus, diferenças, tolerância e pluralidades.

Portanto, ainda que os documentos aqui citados representem um avanço na educação e no currículo educacional brasileiro, é necessário transformar no solo da escola a teoria em prática e que, por parte dos agentes escolares¹, sejam estruturados processos educativos que levem os alunos em processo de formação, perceberem que a identidade

¹Considera-se neste estudo como “agentes escolares” todos os atores sociais responsáveis pelo funcionamento da escola – Professores, Coordenadores Pedagógicos e Direção escolar.

sexual não é única e que é preciso considerar a existência do outro, que é diferente, possibilitando caminhos para a construção das subjetividades. Pois, segundo Garcia (2000) quase sempre os atores sociais ao se depararem com as condições e contradições da cultura contemporânea, parece que estão se relacionando com algo estranho. No linear, desse estranhamento, o diferente – aquele que pensa e vive oposto a mim, se apresenta como uma noção de categoria que se manifesta e pode indicar um gozo simbólico.

Notadamente, que essa discussão, precisa ser considerada pelos profissionais da Educação Física, uma vez que nesta área de atuação profissional, a temática da homossexualidade quase sempre é silenciada. Na própria literatura científica da área, a temática da homossexualidade é raramente explorada. Todavia, a sexualidade é um objeto preferencialmente legítimo para a disciplina que tem por tarefa compreender a linguagem corporal e trabalhar com o corpo em movimento. Entretanto, a Educação Física ainda insiste em colecionar uma história de “glórias, medalhas e exclusões” (RANGEL, 2009, p. 213).

Diante de tais afirmações, o referido estudo que floresceu não apenas de reflexões pessoais e questões de interesse social, mas adentra a minha existência diária e atuação profissional nos cursos de licenciatura em Educação Física, teve como objetivo verificar se o tema homossexualismo é problematizado nas aulas de Educação Física, e qual o trabalho desenvolvido pelo professor de Educação Física frente aos alunos homoafetivos em dez escolas da rede pública estadual de ensino da cidade de Macapá - AP.

MATERIAL E MÉTODO

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, por trabalhar com a percepção subjetiva dos professores acerca do processo do trabalho pedagógico desenvolvido junto aos alunos homoafetividade nas aulas de Ed. Física. Como técnica de coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada individual. Para Gil (2013) a entrevista semiestruturada permite visualizar os relatos verbais dos sujeitos, valorizando-os e por meio deles obter informações e experiências dos professores e conhecer os seus comportamentos; e ainda, dá ao pesquisador oportunidade para um cuidado maior na comunicação das questões em oferecer informações.

As referidas entrevistas foram realizadas com dez professores de Educação Física que atuam em dez escolas da rede Estadual de Ensino da cidade de Macapá. É mister salientar que os referidos professores declararam-se ser do sexo masculino e possuem experiência profissional que varia de 3 à 22 anos.

Os dados coletados com a entrevista semiestruturada foi conduzida apoiando-se na análise clássica, um método de exame de textos que considera a qualidade e quantidade do material, argumentando, primeiro, os "tipos", "qualidades", e "distinção" no texto e, também, frequência com que surgem. Assim, a análise de conteúdo foi além da classificação das unidades de texto para a construção de redes de unidades de análises. Buscou-se representar conhecimento não apenas por elementos, mas também em suas relações conforme descritos por Bardin (2011).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O HOMOAFETIVO INVISÍVEL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nessa categoria trabalhamos com a percepção dos professores quanto à presença dos homoafetivos nas aulas de Educação Física. Sabe-se que no contexto da sociedade do século XXI, a instituição educativa exerce um papel fundamental tanto para a inclusão como para a socialização dos indivíduos. Como bem pontua, Milstein e Mendes (2010) é inconcebível que no decorrer do processo pedagógico, o educador não atente para a significação do discurso formador de que faz uma escola respeitar e valorizar sua comunidade dentro de sua cultura organizacional, uma vez que a eloquência do discurso pronunciado verbalmente ou corporalmente contribui para organização do currículo escolar. Entretanto, mesmo diante das circunspeções de Milstein e Mendes (2010), que vão ao encontro das ponderações de Garcia (2010), os participantes da pesquisa destacam não estarem atentos as falas verbais e corporais específicas, já que para eles a escola não deve fazer distinção e nem dá tratamento diferenciado a qualquer aluno, o que nos levou a criação da referida categoria de análise.

A seguir, apresentamos trechos de alguns relatos que ilustram esse aspecto:

Creio que a escola seja um lugar de todos, é isso que diz a Constituição Federal e a LDB. Portanto, não gosto desse negócio de dar mais atenção para um porque se diz diferente (**PROFESSOR – 1**).

Na minha aula não presto atenção na roupa, na fala, nos trejeitos dos meus alunos, cumpro meu papel de educar (**PROFESSOR – 5**).

Esses depoimentos revelam que mesmo diante do discurso pedagógico moderno em que as abordagens contemporâneas para a educação sexual e os pressupostos teóricos e políticos de uma educação sexual de respeito às diferenças em que argumentam a favor de um currículo pós-crítico, alguns educadores ainda fecham os olhos para o dito, o explícito e o oculto no decorrer da vida escolar, e acabam por corroborar com os apontamentos Foucaultianos (1996), quando afirma que existe em nossa sociedade um princípio de exclusão que por sua vez acaba por gerar certa separação e rejeição de determinados discursos sejam eles verbais ou não.

Tendo em vista o exposto, é possível sustentar que mesmo que a escola pública seja um lugar de trânsito livre a todos aqueles que a ela procuram, a ação educativa deve ser singular para valorizar modos de ser e viver específicos e ao mesmo tempo plural para não alienar os alunos no decorrer do processo educativo (NEIRA, 1999). Caso contrário, os alunos com suas singularidades tornaram invisíveis no solo da escola e conseqüentemente no decorrer das aulas.

A HOMOAFETIVIDADE COMO DISCURSO DA RECUSA

Após a análise de conteúdo a categoria de análise, "a homoafetividade como discurso da recusa" trouxe à tona, que no texto das escolas investigadas, esse tema não é entendido como relevante, mesmo os professores reconhecendo a presença dos alunos homoafetivos em suas aulas. Como é observado, nos fragmentos abaixo das entrevistas com alguns professores:

Hoje em dia tudo é cotas, tudo é processo, tudo é crime. Sou de um tempo em que não existe essas coisas, para entrar no curso de Educação Física tinha que ser macho de verdade e mulher guerreira, hoje o aluno faz aula prática se quiser. Então prefiro com a ajuda da prática esportiva colocar todos juntos e assim homem continua sendo homem e mulher continua sendo mulher. É bom pra mim é bom pra eles (**PROFESSOR – 1**).

Não acho relevante abordar o tema, acho que mais prejudica o aluno do que ajuda, afinal, depois da aula ele que sofre as conseqüências, mesmo porque eles são, mas dizem que não, então, quem sou eu para dizer o contrário. Esse negócio

que o corpo fala é mentira, quem fala mesmo é a boca e enquanto ela não se manifesta na minha aula nada posso fazer (**PROFESSOR – 3**).

Esses relatos mostram a dificuldade que os entrevistados têm para abordar a temática homoafetividade no decorrer de suas aulas, fazendo com que o discurso da recusa, do de transferência de responsabilidades prevaleça. O depoimento **do professor – 3**, o significado negativo se desdobra em recusa para se trabalhar o tema, sendo que o mesmo justifica não trabalhar o tema por ser prejudicial ao próprio aluno. Entretanto, Hall (2003) explica que no decorrer do ato pedagógico a negociação e a participação de qualquer reivindicação de uma cultura particular implicam na aceitação de um sistema de diferenças.

A partir da discussão teórica deste trabalho e da análise do conteúdo das entrevistas, é possível compreender que o trabalho dos professores de Educação Física frente aos homoafetivos é praticamente inexistente, e essa temática ainda se constitui em tabu no ambiente educativo. Para Rangel (2013), quando o professor não apresenta nenhuma atitude efetiva no sentido de impedir as discriminações por parte dos outros alunos, acaba colaborando com a discriminação daqueles que não tem um comportamento ou perfil igual ao que a sociedade estabeleceu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola por receber crianças e jovens no seu processo de formação de identidades deveria tratar a questão do homoafetivo com mais profundidade e não com uma questão “apêndice” do currículo. Os depoimentos dos dez professores entrevistados no decorrer do estudo mostraram que em nenhuma das escolas existe um trato pedagógico nas aulas de Educação Física para a questão da homoafetividade, que o trabalho do professor de Educação Física quase sempre se manifesta como inexistente haja vista o discurso intenso do tratamento igualitário por eles realizados.

No decorrer da análise dos dados encontrados não foi possível identificar nenhuma atividade específica que levasse a problematização e reflexão da homoafetividade ou até mesmo da sexualidade de forma mais genérica nas aulas, muito embora todos os participantes identificassem a presença do homoafetivo em suas aulas.

Pelo contrário, o que ficou evidente foi um discurso da igualdade que descaracteriza o aluno homoafetivo no decorrer das aulas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF: Senado, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2000.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso** – Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2dedezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 1996.

GARCIA, W. **A forma estranha: ensaios sobre cultura e homoerotismo**. São Paulo: Edições Pulsar, 2000.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 2013.

HALL, S. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representações da Unesco no Brasil, 2003.

MILSTEIN, D; MENDES, H. **Escola, Corpo e Cotidiano Escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.

NEIRA, M. G. **Ensino de Educação Física**. São Paulo. Thomson Learning, 1999. (Coleção idéias em ação/coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho)

RANGEL, M. **A escola diante da diversidade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

